

# Constança Marcondes Cesar (2008)

Delfim Santos e Heidegger

Comunicação originalmente redigida para as Comemorações do Centenário de Delfim Santos, 2007.

A obra de Delfim Santos inscreve-se no horizonte do diálogo do pensamento português com a obra de Heidegger. Introduzida por Leonardo Coimbra cerca de 1935,<sup>1</sup> a filosofia do pensador alemão marcou intensamente a reflexão de Delfim Santos.

Bolsista do Instituto de Alta Cultura em Berlim, aluno de Hartmann, estudioso de Kant, Hegel, nosso filósofo foi um dos importantes divulgadores da obra de Heidegger em Portugal.<sup>2</sup>

Partiremos do exame de sua correspondência para seguirmos a trajetória e o alcance do impacto da cultura alemã e de Heidegger em particular, nos seus escritos.

Sua correspondência com José Marinho, em 1935,<sup>3</sup> mostra-o estudando a língua alemã, como parte dos preparativos do pedido de bolsa de estudos na Alemanha. Em 1938, já na Suíça, em carta a Cabral de Moncada,<sup>4</sup> faz referência ao estudo de Heidegger sobre Kant. No mesmo ano, ainda na Suíça, sua carta a José Marinho<sup>5</sup> mostra-o vinculado à temática, de inspiração romântica e heideggeriana, da 'volta aos gregos'. Menciona, também na mesma carta, seu estudo sobre Heidegger e Hölderlin, de importância a nosso ver capital em sua aproximação com o filósofo alemão<sup>6</sup> e afirma que se ocupou «intensamente com Heidegger»,<sup>7</sup> lendo todas as suas publicações de até então. O estudo do grego também o ocupa no final de 1938, como se pode ver na carta endereçada a Álvaro Ribeiro,<sup>8</sup> na qual manda lembranças aos amigos.

<sup>1</sup> - Cristiana Abranches de Soveral e Paskiewicz, *A Filosofia Pedagógica de Delfim Santos*, Vila Real, Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1977, p. 81.

<sup>2</sup> - José V. de Pina Martins, "Delfim Santos ou a frustração de um professor de Filosofia", *O. C.*, vol. IV, pp. 3-18.

<sup>3</sup> - *O. C.*, vol. IV, carta nº 41, Lisboa, Gulbenkian, 1998, p. 85.

<sup>4</sup> - *Id.*, carta 110, pp. 219-220.

<sup>5</sup> - *Id.*, carta 111, pp. 222-226.

<sup>6</sup> - Filipe Delfim Santos, *op. cit.*, pp. 22 e 23.

<sup>7</sup> - Cf. nota 5, p. 225.

<sup>8</sup> - *Op. cit.*, carta 137, p. 265. Os amigos são José Marinho, Adolfo Casais Monteiro e Eudoro de Sousa.

Em 1939, na carta escrita em Berlim e endereçada a Álvaro Ribeiro, põe em relevo a importância de Schelling para a filosofia existencial de Heidegger.<sup>9</sup>

Assim, entre 1937 e 1939, em Berlim, o pensador português teve contato estreito com Hartmann e Heidegger, conforme se pode depreender de sua correspondência.

A carta 111<sup>10</sup> de 1938, a José Marinho, parece capital. É nela que Delfim Santos põe em relevo o tema do retorno às origens, que parece-nos poder ser aproximado do tema da *Kehre* heideggeriana e da volta os gregos que os românticos e Heidegger propuseram; encontramos também nessa carta referência ao ensaio de Delfim sobre Heidegger e Hölderlin.

Em maio de 1938, em carta a Casais Monteiro, nosso filósofo refere-se ao texto «Heidegger e Hölderlin, que pretende expor o mais claramente (...) possível o que Heidegger escreveu sobre Hölderlin e a essência da poesia. Trata-se [diz Delfim] do mais recente trabalho de Heidegger e do mais extraordinário poeta que a Alemanha produziu (...)»;<sup>11</sup> propõe a Casais Monteiro a publicação do ensaio na revista *Presença*.

No mês de julho de 1938 acha-se envolvido com «a leitura muito absorvente de Heidegger»,<sup>12</sup> conforme assevera a Sant'Anna Dionísio. Na mesma época escreve a José Marinho, como dissemos, tematizando o regresso à filosofia originária, tendência marcante nos três grandes filósofos da Alemanha: Heidegger, Jaspers, Hartmann.<sup>13</sup> Uma vez mais, menciona seu ensaio sobre Heidegger e Hölderlin, que «não pretende ser a exposição da filosofia de Heidegger» e assevera que leu toda a obra [publicada até então] do filósofo da Floresta Negra<sup>14</sup>. A carta é longa e é especialmente importante para a compreensão do impacto da obra de Heidegger sobre a reflexão de Delfim Santos. Os temas do regresso às origens, às fontes gregas; a descrição fenomenológica da angústia como categoria existencial, a filosofia entendida como filosofia primeira, ontologia fundamental, presentes no filósofo alemão, acham-se abordados e retomados por Delfim Santos.

O texto 'Heidegger e Hölderlin ou a Essência da Poesia', escrito em 1938, e que acabou sendo publicado, no mesmo ano, na *Revista de Portugal*, é assinalado pelo próprio Delfim Santos, nesse período, como contribuição importante. Essa perspectiva reaparece no estudo de José V. de Pina Martins que abre o IV volume das *Obras Completas*<sup>15</sup> e por Filipe Santos, na 'Apresentação'<sup>16</sup> do mesmo volume, em que o estudo do nosso pensador é inscrito no amplo debate que opôs, em Portugal, os «saudosistas» (Pascoaes e Proença) (...) [e] os «seareiros» e sobretudo Antônio Sérgio, a propósito de Antero e [do tema] da poesia metafísica».

<sup>9</sup> - *Op. cit.*, carta 137, p. 265.

<sup>10</sup> - *O. C.*, pp. 222-236.

<sup>11</sup> - Carta 101, p. 204.

<sup>12</sup> - Carta 107, p. 214.

<sup>13</sup> - Carta 111, p. 223.

<sup>14</sup> - *Id.*, p. 225.

<sup>15</sup> - Delfim Santos ou a frustração de um professor de Filosofia, *op. cit.*, p. 13.

<sup>16</sup> - *Op. cit.*, p. 23.

Delfim assevera, em 1938, que estava lendo todo Heidegger. Ou seja, certamente conhecia *Ser e Tempo*, e os ensaios que Heidegger publicou sobre *A origem da obra de arte*; deve ter lido também *Holzwege*.

O trabalho sobre Heidegger e Hölderlin parece marcar uma radical mudança de orientação do filósofo português em relação a seus primeiros escritos, mais voltados para temas políticos, e em relação ao *A situação valorativa do Positivismo*, de 1938 – balanço crítico desta corrente à luz da filosofia da ciência do início do século e do debate entre o positivismo lógico, o idealismo crítico e o bergsonismo.

Em que consiste essa mudança de orientação? Numa aproximação crescente à filosofia fenomenológica, que se tornará a nota dominante de seu pensamento, como bem assinalou Filipe Santos<sup>17</sup> e pelo estreito contato com o pensamento alemão, entre 1937 e 1939, durante sua permanência como leitor em Berlim. Expressa-se, tal mudança, no *Da Filosofia* (1939), e estará perfeitamente consolidada na década de 50, como se pode exemplificar através da consideração dos textos: 'Temática existencial' (1950); 'Fundamentação da Filosofia' (1954, publicado em 1956); 'Filosofia como ontologia fundamental' (1955). O escrito 'Heidegger', sem data, reitera essa direção de seu pensamento.

Heidegger e Hölderlin apresenta em linhas amplas o conteúdo do ensaio heideggeriano. A tese: «não há filologia sem filosofia»<sup>18</sup> e vice-versa, que reencontraremos em Eudoro de Sousa, é ponto de partida para a discussão da estreita relação entre o filosofar e a linguagem, exprimindo «aspectos da realidade (...) que não têm existência para o homem vulgar».<sup>19</sup>

A poesia para Heidegger, diz Delfim, é «atividade lúdica»,<sup>20</sup> «ocupação inocente», como assevera Hölderlin, mas também «o mais perigoso dos bens» oferecido ao homem, que deve testemunhar sua vinculação à terra, mediante a fundação de um mundo. Perigoso bem, a linguagem, porque pode exprimir o mais alto e o mais vulgar, o mais luminoso e o mais obscuro que nos habita. E bem, ainda, porque expressa a possibilidade do diálogo, comunhão com os outros e com os deuses, experiência da temporalidade, descoberta de um destino. O poeta funda o que é permanente, instaura a eternidade no fugidio fluir; dá nome aos deuses, fundamenta a história. Poesia é, assim, «antecipação e interpretação»<sup>21</sup> do significado do tempo em que estamos – é lamento pelo tempo de carência em que vivemos, tempo dos deuses em fuga e anúncio dos deuses que estão por vir.

Aqui a abordagem de Delfim Santos não é original: é resenha didática, boa apresentação do esplêndido texto heideggeriano. Mas importante divulgação, quase imediata, de um escrito marcante de nosso século.

<sup>17</sup> - *Op. cit.*, p. 22.

<sup>18</sup> - *O. C.*, vol. III, p. 333.

<sup>19</sup> - *O. C.*, id., p. 334.

<sup>20</sup> - *Id.*, p. 335.

<sup>21</sup> - *O. C.*, vol. III, p. 339.

No livro *Da Filosofia*, publicado em 1939, alguns tópicos exemplificam a adesão do pensador português à orientação inspirada em Heidegger: 'Ser e sendo', 'Situação e mundo', 'Sentido epocal das formas de pensamento'.

'Ser e sendo' distingue entre o conhecimento do ser, essencial, e conhecimento do sendo, existencial; entre conhecimento filosófico e conhecimento científico – um, em busca dos princípios, dos fundamentos, outro, atendo-se ao mundo da experiência. A distinção entre o campo da filosofia, enquanto ontologia, do campo das ciências, voltadas para o exame do mundo empírico, acha-se presente em Heidegger e é retomada por Delfim Santos.

Outro tema é, em 'Situação e mundo', a do ser em situação, que desvela o real, desvelando a si e a seu entorno. A correlação homem-mundo, presente na analítica existencial de Heidegger, é abordada também por outros autores da corrente existencial.

'A epocalidade das formas de pensamento' mostra a sucessão de modos de compreensão que caracterizam, nos diversos tempos, a visão, «a mentalidade característica de determinado século».<sup>22</sup> Expressa algo «que ultrapassa o homem e se serve do homem para se revelar...».<sup>23</sup> Podemos recordar aqui o tema da epocalidade do Ser, abordado por Heidegger.

Há dois escritos não datados, 'Filosofia existencial – fragmentos' e 'Heidegger' que aparecem, respectivamente, no vol. I, pp. 501-507 e no vol. II das *Obras Completas*, pp. 357 e 369. Por sua temática parecem preceder imediatamente o texto sobre Heidegger e Hölderlin. Referem-se às questões filosóficas desenvolvidas em *Ser e Tempo*, como veremos.

'Filosofia Existencial' provavelmente deve preceder os escritos da *Kehre* heideggeriana, uma vez que não avança na discussão das relações entre o Ser e o nada, atendo-se à analítica existencial. Mais ainda, atribui a Heidegger «a missão de chefe da escola designada por existencialismo»,<sup>24</sup> o que certamente é um equívoco como as obras de Heidegger ulteriores a *Ser e Tempo* permitirão evidenciar.

Assinalando, dentre os precursores do existencialismo, «Santo Agostinho, Pascal, Kierkegaard e (...) Unamuno», Delfim Santos também afirma que «é ao poeta Rainer Maria Rilke que esta tendência é mais devedora».<sup>25</sup> Chega mesmo a afirmar que «a temática existencial e a temática poética de Rilke são realmente idênticas»,<sup>26</sup> atribuindo tal afirmação a Heidegger, cuja filosofia teria «suas raízes» na obra do poeta, dado que o existencialismo nada mais seria que «a sistematização em termos filosóficos, ou em termos que depois se tornaram filosóficos, das intuições fundas» de Rilke.<sup>27</sup> Esta seria uma leitura apressada e redutora, sem dúvida, quer de Heidegger, quer de Rilke, se pensarmos nas finas análises de *Holzwege*, e na espantosa originalidade da filosofia heideggeriana.

---

<sup>22</sup> - O. C., vol. I, p. 248.

<sup>23</sup> - *Id.*

<sup>24</sup> - O. C., vol. I, p. 501.

<sup>25</sup> - *Id.*, p. 503.

<sup>26</sup> - *Id.*, *ibid.*

<sup>27</sup> - *Id.*, *ibid.*

No seu texto, Delfim Santos põe em relevo o tema do homem, visto como ser-no-mundo e caracterizado pela angústia, pelo ser-no-tempo e o ser-para-a-morte. Chama a atenção para a superação pela filosofia existencial da ênfase ora no sujeito, ora no mundo, ao longo da história da filosofia, graças à introdução de um novo conceito de homem - o ser - situado, que enfoca como inseparáveis sujeito e mundo. Mostra também a morte entendida como o evento que dá o significado maior à vida de cada um, não numa perspectiva de vulgar nihilismo, mas reconhecendo as implicações metafísicas da meditação sobre a morte. Opondo metafísica e ontologia, o pensador português põe em relevo a distinção, na obra do filósofo alemão, entre o ôntico e o ontológico; aponta a correlação entre o ser e o nada, e como modos próprios de ser do homem, o compreender e a estranheza.

Ou seja: Delfim Santos pôde perceber, com acuidade, os grandes temas da ontologia heideggeriana, apresentando-os de modo claro, didático, bem encadeado.

'Heidegger', o outro escrito não datado, é um comentário a *Ser e Tempo*. Retoma aqui a indagação sobre o ser a partir da distinção entre ôntico e ontológico, ser e sendo. Aborda o Heidegger da analítica existencial e põe «a metafísica sob o signo da antropologia».<sup>28</sup> A existência humana e seu *a priori*, o ser-no-mundo; a temporalidade, encarada «como horizonte da compreensão do ser»,<sup>29</sup> são enfocados por Delfim Santos. O filósofo mostra a atenção que o homem dá às coisas, a preocupação consigo e com os outros; põe em relevo o original conceito de mundo e de mundaneidade em Heidegger; discute os modos de ser do homem: ser para, ser-com; assinala os riscos do viver inautêntico, da vulgaridade e do anonimato e encara o existir como tarefa e angústia.

O comentário é bem elaborado: consegue encadear, com clareza, os conceitos-chave da filosofia heideggeriana; não se detém, contudo, em criticá-la; aponta o «grande interesse» desses temas e a sua repercussão sobre as «posições tradicionais da filosofia européia».<sup>30</sup>

Alguns textos escritos entre 1950 e 1956, 'Temática existencial', 'Fundamentação da Filosofia' e 'Filosofia como ontologia fundamental' exibem a permanência da temática heideggeriana, impregnando posições de Delfim Santos.

'Temática existencial' data de 1950; tem por assunto a delimitação do campo próprio da filosofia, entendida como «esforço realizado pelo homem para compreender a si próprio»;<sup>31</sup> enfatiza, aqui, a historicidade do homem; refere-se a Heidegger, definindo a filosofia existencial deste como a «busca do 'ser do sendo' (*Sein des Seienden*) (...)».<sup>32</sup> Põe em relevo a busca constante do homem de transcender o tempo, experimentando, no seu existir, inquietude, temor, preocupação. Aponta, como fundamento desse impulso para a transcendência, o «nada (...) importante problema metafísico (...)

<sup>28</sup> - O. C., vol. II, p. 358.

<sup>29</sup> - *Id.*, p. 359.

<sup>30</sup> - *Id.*, p. 369.

<sup>31</sup> - O. C., vol. II, p. 79.

<sup>32</sup> - *Id.*, p. 80.

inexprimível e contraditório».<sup>33</sup> No entanto, Delfim Santos não explora profundamente a questão do nihilismo em Heidegger, limitando-se a assinalar a presença da temática no pensador alemão.

'Fundamentação da Filosofia' é especialmente interessante para nós: foi apresentado no Congresso Internacional de Filosofia em São Paulo, no contexto das comemorações do IV Centenário da cidade, do qual participaram outros pensadores, dentre os quais Vicente Ferreira da Silva, um dos primeiros filósofos brasileiros a abordar, de modo vivo e original a filosofia heideggeriana.

Distinguindo entre saber filosófico e saber científico, o pensador português enfatiza a 'via existencial', «única que pode vivificar o pensamento filosófico dos nossos dias»,<sup>34</sup> repetindo com Heidegger, que «(n)ão é a ciência que origina a filosofia, mas a filosofia que origina a ciência»,<sup>35</sup> sendo o domínio próprio da filosofia o 'transobjetivo', dado que a filosofia é «constituente de objetividade», «promoção da coisa a objeto».<sup>36</sup>

'Filosofia como ontologia fundamental', comunicação apresentada em Braga no I Congresso Nacional de Filosofia, traz no próprio título a referência à posição heideggeriana: também para Delfim Santos, filosofia não é ciência mas «atividade de fundamentação»; é metafísica, não no sentido etimológico do termo - «saber do que está para além do físico»,<sup>37</sup> mas 'pré-física', «poesia, ato criativo de pensamento e respectiva expressão».<sup>38</sup> Diversamente de Heidegger, contudo, remete à tradição aristotélico-tomista tal ontologia fundamental, criticando o naturalismo, o vitalismo, o idealismo da filosofia moderna. A filosofia, não é apresentada uma vez mais como ciência, mas como saber autônomo, «tentativa radical de objetivação», «que origina e garante a ciência».<sup>39</sup>

Delfim Santos certamente conheceu bem o pensamento heideggeriano. Foi um de seus mais importantes divulgadores, em Portugal. No entanto, ao contrário de outros estudiosos de Heidegger, não se deixou seduzir completamente pela obra do filósofo. Não imita o estilo poético-literário de Heidegger, tentação na qual vários estudiosos de seu pensamento foram envolvidos; aborda criticamente o autor alemão, como bem evidenciou José Maurício de Carvalho.<sup>40</sup> Grande viajante, aberto às idéias de seu tempo, o filósofo português utiliza em sua obra uma linguagem clara, bem estruturada. Sua reflexão é um amálgama de várias fontes, o resultado de um diálogo continuado com os principais pensadores de seu tempo,<sup>41</sup> privilegiando sem dúvida a vertente alemã, mas também estabelecendo estrito vínculo com autores franceses, espanhóis, ingleses, brasileiros.

<sup>33</sup> - *Id.*, p. 82.

<sup>34</sup> - *O. C.*, vol. II, p. 209.

<sup>35</sup> - *Id.*, *ibid.*

<sup>36</sup> - *Id.*, p. 210.

<sup>37</sup> - *O. C.*, p. 213.

<sup>38</sup> - *Id.*, p. 214.

<sup>39</sup> - *Apud* José Maurício de Carvalho, *A idéia de filosofia em Delfim Santos*, Lindóia, UEL, 1996, p. 216.

<sup>40</sup> - *Op. cit.*, pp. 39 e segs. Cf. também *Filosofia da Cultura. Delfim Santos e o pensamento contemporâneo*, Porto Alegre, EDPU CRS, 1999, pp. 59-67.

<sup>41</sup> - Veja-se, a propósito, a tese de doutorado de Cristiana Abranches de Soveral e Paszkiewics, *A filosofia pedagógica de Delfim Santos*, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1977, 1ª parte.

Outro aspecto a salientar é que Delfim Santos se apóia solidamente na tradição filosófica, sendo Aristóteles, Santo Agostinho, Santo Tomás, algumas de suas fontes. A obra de Mounier não lhe era estranha, e a ênfase na noção de pessoa, com suas implicações sociais e educativas, separa-no da abordagem heideggeriana. Assim, por exemplo, a correlação homem-mundo, cara à filosofia existencial e a Heidegger, é enfocada de modo original: «O homem e seu mundo são inseparáveis e a expressão de sua unidade é a pessoa», como põe em relevo, citando Delfim, o excelente estudo de José Maurício.<sup>42</sup> A estreita vinculação entre a contribuição original de Delfim Santos e o magistério de Leonardo Coimbra, também evidenciada por José Maurício,<sup>43</sup> faz compreender que a meditação sobre o homem, pessoa capaz de liberdade; a reflexão sobre Deus, inspirada na tradição estóica e cristã, vão assinalar um afastamento da ontologia heideggeriana.

Temas comuns entre Delfim Santos e Heidegger – a meditação sobre a técnica, a crise e a decadência do Ocidente –, têm, no entanto, enfoques diversos no autor alemão e no português. Delfim afirma uma concepção humanista, convergente com Leonardo Coimbra e a Escola do Porto: «não foi um 'estrangeirado' nem um nacionalista de vistas curtas»,<sup>44</sup> como bem viu Cristina de Soveral.

Finalmente, queremos destacar que o contato de Delfim com Vicente Ferreira da Silva, o mais expressivo e original estudioso brasileiro a se inspirar em Heidegger terá ocorrido em Mendoza, na Argentina em 1949 e em São Paulo, em 1954.<sup>45</sup>

Deixamos em aberto o exame comparativo da produção de ambos no período mencionado para tentar detectar eventuais pontos de acordo entre suas filosofias; deixamos também em aberto o exame do contato estreito, das influências recíprocas entre outro pensador português – amigo de Delfim Santos como a correspondência deste o atesta – e Vicente Ferreira da Silva; trata-se de Eudoro de Sousa, também amigo do filósofo paulista e estudioso do pensamento heideggeriano.

O impacto da filosofia heideggeriana em Portugal e no Brasil apenas começa a ser examinado. As traduções, o contato pessoal de nossos filósofos com Heidegger e entre si, a apropriação original da obra desse mestre da filosofia em nosso século, são campo aberto de investigação dos dois lados do Atlântico.

---

<sup>42</sup> - *Op. cit.*, p. 123.

<sup>43</sup> - *Id.*, pp. 129-132.

<sup>44</sup> - Cf. nota 42, p. 289.

<sup>45</sup> - A carta de Delfim Santos a Dora Ferreira da Silva atesta o contato pessoal entre os dois filósofos.